
Moodboard para desenho de pesquisa: proposta de mapeamento da formação universitária em edição no Brasil¹

Jean Silveira ROSSI²

Sandra DEPEXE³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este trabalho apresenta uma primeira aproximação com proposta de tese de doutoramento acerca da formação universitária em cursos de Produção Editorial/Editoração/Edição no Brasil. Para tanto, guiados pelo modelo metodológico de Lopes (2003, 2016), exploramos os níveis de pesquisa (epistemológico, teórico, metódico e técnico) de nosso estudo incipiente por meio de moodboards (Pereira, 2010). O recurso criativo em forma de discos ou círculos científicos apontou pistas, inquietações e desafios teórico-metodológicos relativos ao planejamento e operacionalização da investigação.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; formação universitária; produção editorial; desenho de pesquisa; moodboard.

Introdução

Se no início da década de 1970, a preocupação das primeiras universidades brasileiras que inauguraram cursos de Editoração concentrava-se na formação de uma bibliografia nacional para a área (Mello, 1971), após meio século, embora essa lacuna ainda persista parcialmente, podemos vislumbrar um momento de amadurecimento e expansão dos estudos editoriais no Brasil.

Esse movimento é percebido tanto pela capilarização, ainda que insuficiente, dos cursos para além do eixo Rio-São Paulo e suas iniciativas próprias de produção intelectual, parcerias, ensino e extensão, quanto pelos esforços coletivos do Grupo de Pesquisa Produção Editorial da Intercom que oxigena as discussões em edição, servindo como importante espaço institucional deste campo muitas vezes à margem das demais áreas. Por isso também interessa-nos compartilhar esta proposta do GP, a fim de

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), graduado em Comunicação Social - Produção Editorial (UFSM), e-mail: jean.rossi@ufsm.br

³ Doutora em Comunicação, docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: sandra.depexe@ufsm.br

entendermos até mesmo a viabilidade, recomendações e possíveis alternativas para adaptação da investigação.

Nesse sentido, como proposta para contribuir com o atual cenário dos estudos editoriais brasileiros, pensamos a construção de uma pesquisa que mapeia a formação universitária em produção editorial/editoração/edição no país. Logo, a fim de auxiliar no entendimento dos desafios iniciais relativos ao trabalho, aqui expomos o processo criativo para concepção de moodboards, estratégia útil no início de projetos criativos. Neste caso, adaptada em formato de quadro de emoções e referências para entender o desenho de pesquisa de projeto de tese de doutoramento vinculada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), linha de pesquisa Mídias e Identidades Contemporâneas, orientado pela professora Dra. Sandra Depexe.

Assim, a ideia do moodboard surgiu como o “pontapé científico” da tese. Todavia, antes de conceber o moodboard, houve um ponto de partida teórico de grande relevância que guiou seu planejamento: o modelo metodológico desenvolvido pela pesquisadora e referência na Comunicação, Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2016).

O modelo metodológico articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção, simultaneamente, topológica e cronológica de pesquisa. A visão é a de um modelo metodológico que opera em rede. O eixo paradigmático ou vertical é constituído por quatro níveis ou instâncias: 1) epistemológica, 2) teórica, 3) metódica e 4) técnica. O eixo sintagmático ou horizontal é organizado em 4 fases: 1) definição do objeto, 2) observação, 3) descrição e 4) interpretação. Cada fase é atravessada por cada um dos níveis e cada nível opera em função de cada uma das fases. (Lopes, 2016, p. 106).

Defendemos, assim como Mills (2009), a importância de adotarmos um modelo de ciência que privilegie a artesanaria metodológica em detrimento de abordagens rígidas do fazer científico. Ao se distanciar da replicação de estudos anteriores, que geralmente não contemplam nossas particularidades epistemológicas, ganhamos liberdade para inventar métodos capazes de resolver os problemas específicos das nossas pesquisas, sem descartar ou negligenciar o papel de intelectuais da área, mas sim adaptando suas teorias de modo dialógico e interpretativo. Portanto, a proposta de Lopes (2016) estabelece níveis e fases de pesquisa, em consonância com a ideia aberta de metodologia colocada por Mills (2009).

Tal postura mostra-se enriquecedora, sobretudo na Comunicação, ao auxiliar no desenvolvimento do campo mediante a produção e experimentação de propostas inéditas (teses) nas mais diferentes áreas: Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade, Rádio, TV e, neste caso, Produção Editorial, área que atualmente possui formações inseridas no campo da Comunicação, UFSM-RS, UFRJ-RJ e as paulistas USP e Anhembi Morumbi; e no campo das Letras, nas instituições mineiras CEFET-MG, UFMG e UNIFAL-MG.

Moodboard científico: processos criativos e reflexivos da pesquisa

Em síntese, o moodboard pode ser compreendido como uma colagem de imagens/referências que ganham novos significados quando agrupadas por meio de associações, analogias e metáforas a partir dos elementos selecionados para sua composição, sejam eles fotografias, palavras-chave, imagens de revistas, tecidos, desenhos, objetos, texturas ou cores. Para Pereira (2010, p. 80), o moodboard configura-se em uma estratégia de projeto diferente de outras técnicas de colagem, pois “combina em um quadro uma série de referências visuais que conseguem representar a atmosfera do trabalho e apoiar a estruturação das ideias que surgem durante seu processo”. A autora aponta que a técnica também está submetida às intenções de seu autor, em nosso caso, pesquisador-designer, e oportuniza a revelação de caminhos criativos para a investigação.

O desafio de unir a estratégia, geralmente utilizada em projetos de design, moda ou arquitetura, com o trabalho acadêmico estava em pensar de que maneira poderíamos representar graficamente nossas inquietações sobre a tese. Isso porque a ideia do moodboard veio como uma solução gráfica para visualizar sensorialmente as instâncias do modelo metodológico de Lopes (2016), o qual implica em operações metodológicas concretas, dinâmicas (resultado dos movimentos do pensar), abertas (à criação, à inventividade, à experiência) e rigorosas (em suas exigências epistemológicas, teóricas, metodológicas e técnicas).

Com a questão lançada, partimos para experimentação sensorial por intermédio de recortes de revistas impressas, prática comum nas aulas do curso de Produção Editorial na UFSM. Selecionamos exemplares de publicações com temáticas diversas (institucionais, de entretenimento, educativas, militares, entre outras) e buscamos desde palavras-chave até imagens e ilustrações relacionadas tanto aos conceitos teóricos quanto

ao nosso objeto empírico. Por fim, optamos pela colagem em quatro discos (níveis) de pesquisa: epistemológico, teórico, metódico e técnico (Figuras 1, 2, 3 e 4).

Conforme a psicologia das formas, o formato circular transmite sensações de união, harmonia e de abertura, logo relacionado à teoria dinâmica. Já os recortes retangulares das palavras tiveram o propósito de causar contraste de forma e delimitar alguns pontos-chave do estudo. Por fim, a ideia é que os quatro discos (níveis) se atravessem, então seria necessário furar cada um deles e passar um fio que os conecte como partes sobrepostas de um todo: o desenho de pesquisa.

O nível epistemológico (Figura 1) é representado pela cor preta em alusão ao “breu” de tatear no escuro em busca de pistas para entender os desafios da pesquisa, isto é, perante tantas dúvidas, algumas certezas: primeiro, estamos em um doutoramento na Comunicação, campo estabelecido institucionalmente; e segundo, a formação do autor, produtor editorial com atuação como professor substituto do curso de Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM, provoca-nos a questionar o campo acadêmico da editoração no país. O que é produção editorial? Seria possível falarmos em uma epistemologia dos estudos brasileiros com ênfase para essa temática? Como nossa pesquisa se insere na Comunicação? Qual é a sua contribuição/**propósito** perante o campo comunicacional e, sobretudo aos estudos em edição? Como equilibrar o lado formativo/educacional de nosso objeto de pesquisa? Partiremos para teorias do currículo? Educação comparada?

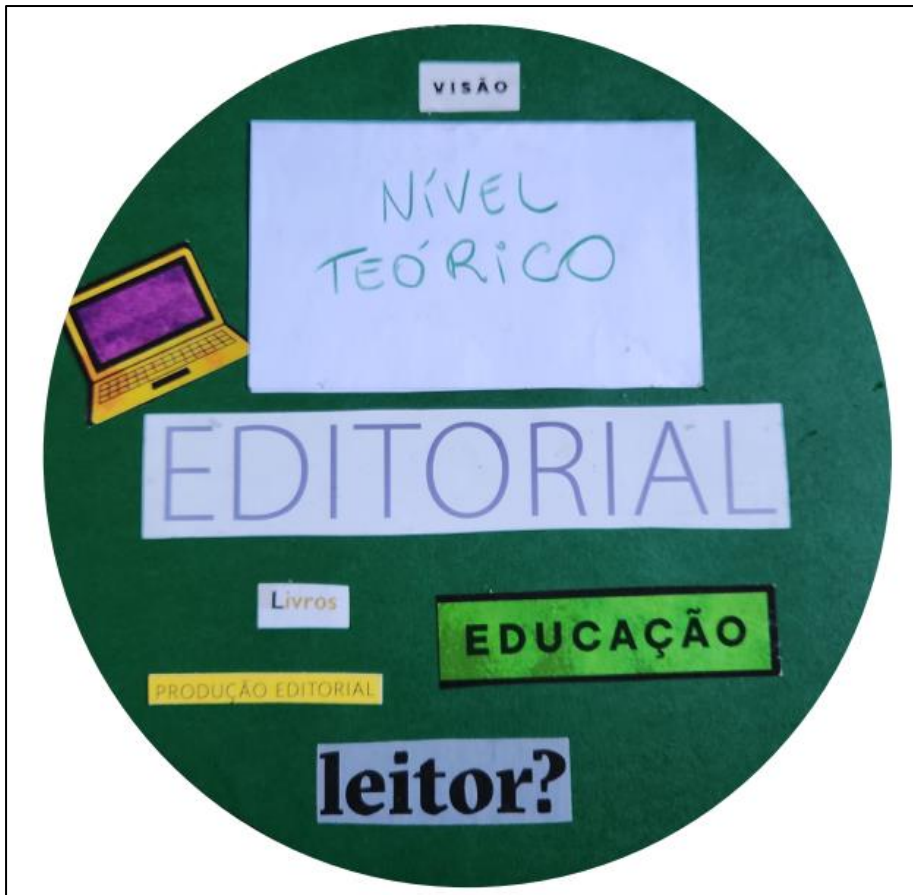
Figura 1 – Moodboard do nível epistemológico



Fonte: Elaborado pelos autores.

O nível teórico (Figura 2) vem em seguida para alinhar algumas questões, representado em verde, cor carinhosamente associada ao camaleão, animal símbolo do curso de PE da UFSM. A conexão, claro, vai além da mascote, pois adentra nas referências teóricas sobre o campo editorial, sejam as nacionais ou internacionais, discussões que se materializam, sobretudo na produção científica de artigos, monografias, dissertações e teses que necessitam de instituições e entidades para acolhê-las.

Figura 2 – Moodboard do nível teórico



Fonte: Elaborado pelos autores.

Aqui chegamos nos cursos alocados nas IFES já citadas, suas disciplinas, laboratórios, atividades, em alguns casos, seus respectivos programas de pós-graduação, além de eventos da área, a exemplo da Intercom, cujo Grupo de Pesquisa de Produção Editorial encontra-se ativo há mais de 20 anos.

São espaços como estes que permitem a construção de pesquisas e ajudam na manutenção das reflexões acadêmicas sobre as diversas interfaces dos estudos editoriais brasileiros, isto é, ao longo das últimas décadas foi se consolidando uma **visão** teórica acerca das pesquisas na área. Segundo Lopes (2003, p. 125, grifo da autora), “a teoria, como instância metodológica da pesquisa, deve realizar a ligação entre os contextos da *prova* e da *descoberta*”. Dito isso, o referencial teórico ofertará as bases para entendermos como se configuram os estudos em edição, além de encontrar quem já pesquisou o ensino universitário no Brasil, principalmente no campo comunicacional e editorial. Porém, vale delimitar se focaremos o estudo na formação para áreas de atuação específicas, como a editoração de livros impressos, ou incluiremos a vasta gama de atividades multimídia,

como visto nos perfis dos egressos dos cursos. Outras áreas como o Design também englobam disciplinas e/ou laboratórios voltados a planejamento editorial e gráfico de publicações, então deveriam ser adicionadas ao recorte? Algumas de muitas decisões que necessitamos avaliar...

A cor azul do nível metódico (Figura 3) representa o caráter de seriedade desta etapa, a qual deve atentar às “regras de estruturação do objeto científico, impondo a este certa figura, certa ordem entre seus elementos” (Lopes, 2003, p. 126). Conforme visualiza-se no moodboard, é neste nível **estratégico** que se planeja a construção do mapa/desenho de pesquisa em diálogo com as relações entre teses, fatos, proposições e demais variáveis. Estas conexões de causalidade, advindas de um ecossistema do fazer científico, interferem no quadro estrutural da pesquisa. Contudo, Flick (2009, p. 73, grifos do autor) adverte que “um bom desenho deve, ao mesmo tempo, ser *sensível, flexível e ajustável* às condições em campo, [...] estar *aberto a novas visões* resultantes dos primeiros passos ou durante o processo de pesquisa”.

Figura 3 – Moodboard do nível metódico



Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, o nível técnico (Figura 4) configura-se na “observação (da informação ao dado), a seleção (do dado ao objeto) e a operacionalização (do objeto à informação)” (Lopes, 2003, p. 128). Em virtude da sua dimensão voltada à **execução**, instância da qual estamos mais distantes em termos de cronograma, foi definida a cor roxa que simboliza o mistério, aquilo que está por vir, isto é, a logística do trabalho, seu como-fazer.

Figura 4 – Moodboard do nível técnico



Fonte: Elaborado pelos autores.

Pesquisaremos documentos oficiais de cada curso, como diretrizes curriculares, projetos pedagógicos, grades e ementas das disciplinas? Eles estão atualizados?⁴ Realizaremos visitas técnicas a todas as instituições⁵? Escolheremos algumas

⁴ Conforme pesquisa documental exploratória, realizada em junho de 2023, foi possível notar algumas divergências nas grades curriculares de alguns cursos, como incongruências no somatório das cargas horárias, além da dificuldade de se encontrar dados atualizados.

⁵ Após interlocução do GP de Produção Editorial da Intercom em 2023, indicou-se a posterior inclusão de outros pólos de estudos em edição, como CEFET-MG, UFMG e Universidade de Alfenas.

representativas das demais? Elas autorizarão o contato com seus discentes, docentes e TAEs? Conversaremos com os docentes que pleitearam a fundação dos cursos? Haverá entrevistas, questionários, grupos focais? Um diário de campo cairia bem...

Apenas a partir dessas questões iniciais, já foram levantadas **seis técnicas de pesquisa distintas**, o que demandaria um extenso trabalho de campo dependente de diversas variáveis. Ainda assim, conseguimos visualizar a relevância de cada um desses procedimentos para a compreensão do problema, agora concebido de forma mais clara: “como se configura a formação acadêmica de profissionais da edição no Brasil?”. Neste ponto, sustentamos, em consonância com Lopes (2003, p. 133), a adoção da combinação de diferentes técnicas, quantitativas e qualitativas, a fim de “reconhecer, ao lado das vantagens metodológicas de cada uma, seus limites epistemológicos”.

Considerações Finais

Ao estimular o pensamento de forma criativa para iniciarmos nosso planejamento, consequência de pensar via os níveis de pesquisa de Lopes (2003; 2016), compreendemos nosso problema de pesquisa e alguns desafios iniciais em termos epistemológicos, teóricos, metódicos e técnicos. Embora seja apenas o primeiro passo acadêmico da tese e ainda seja necessário aprofundamento em outros eixos, como as fases da pesquisa, além das justificativas, objetivos específicos, definição de um quadro teórico, delimitação do corpus de pesquisa e de uma abordagem metodológica, avançamos nos contornos e formas das inquietações comuns ao começo de um doutoramento.

Esperamos, portanto, que o compartilhamento desta proposta possibilite a interlocução⁶ entre pares no Grupo de Pesquisa Produção Editorial da UFSM, a fim de entendermos também os limites e possibilidades viáveis da investigação.

⁶ Reiteramos nosso agradecimento aos membros do GP pelas contribuições e provocações à pesquisa. Neste trabalho, agora em sua versão completa, foram adicionados novos tensionamentos e direcionamentos enriquecedores ao nosso desenho. Outros debates certamente serão incorporados à tese, conforme avanço em nosso percurso investigativo.

REFERÊNCIAS

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Modelo metodológico: as instâncias da pesquisa. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

MELO, José Marques de. Bibliografia brasileira de editoração. **Revista de Comunicação Social**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 45-52, 1971.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PEREIRA, Tais Vieira. **Mood board como espaço de construção de metáforas e conceitos de design**. 2010. 179 p. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Novo Hamburgo, 2010.